

ORIGINAL
10-10-1952
COMICIO 1952
AUTOR: Pellegrino, Helio

duplicado
tem cópia datilografada

Comício naturalmente não toma partido nas discussões que hoje dividem os cultores das artes plásticas. Somo abstracionistas ferrenhos apenas em matéria de desenhos de gravatas; fora disso, não bastante sábios ou inocentes para admirar tanto os pintores de uma escola como de outra. Esta nota é feita especialmente para dizer a Di Cavalcanti e a Portinari que as páginas de Comici, estão à sua disposição se entendem de responder a alguma coisa ao ataque desse moço inegavelmente talentoso que é Ivan Serpa.

Em 1942, no Comitê da França Livre, Georges Bernanos surpreendeu pequenos esboços distraídos, da autoria de um jovem que frequentava aquela entidade: "Você deve estudar pintura imediatamente" — garantiu-lhe o escritor célebre. E como o jovem confessasse não possuir recursos para tanto, o autor do "Journal d'un Curé de Campagne" dispôs-se a providenciar os meios que lhe permitissem um aprendizado pictórico. Ainda assim o jovem resistiu preferindo apurar sua cultura através de um curso de língua francesa. Foi-lhe concedida esta oportunidade, e o funcionário tornou-se especialista em minúcias da sintaxe gaulesa.

Em 1947, entretanto, o já professor de francês Ivan Serpa resolveu entregar os pontos à sua vocação artística: tornou-se aluno de Axel Leskoschek e fez da pintura o principal objetivo de sua vida. Durante três longos anos, exercitou-se pacientemente na arte figurativa, adquirindo suas qualidades artesanais. Desenhou como qualquer aluno de desenho, pintou paisagens e naturezas mortas, fêz flores e retratos, com absoluta sucesso. Em 1950, encontrou-se de repente num beco sem saída. Sentia já a exaustão desses objetos reais como temas plásticos, e buscava um novo caminho que lhe permitiu enxergar além da realidade. Desta época data o seu contato com Mario Pedrosa, e a descoberta que fêz da arte abstrata, estimulado por esse grande espírito.

Daí por diante, elegeu Ivan Serpa o abstracionismo como instrumento de sua força criadora. Tornou-se um dos expoentes

da moderna pintura brasileira conquistando o prêmio "Jovem Nacional", na primeira Bienal de São Paulo. Seus trabalhos tem importância internacional, figurando em várias coleções estrangeiras. INTERMEZZO TIJUCANO. Fomos visitá-lo sem definidos propósitos jornalísticos, por sugestão de Farnase. O artista reside numa velha casa tijucana, de sabor um tanto colonial, com suas portas e janelas emolduradas de pedra. Entra-se para um jardim despretensioso, em cujo chão de cimento e musgo viceja. — "A casa é muito grande" — foi dizendo o pintor, ao receber-nos. Entramos para o atelier: duas peças amplas, assoalhadas de tábua, segundo o honrado costume antigo. Por toda parte — nas paredes, nos cantos, sobre os móveis — telas, desenhos, pastas. Serpa nos mostra seus trabalhos mais recentes: — Este quadro — e aponta para um bellissimo abstrato em negro, vermelho e azul — custou-me um mês de trabalho diário, ando pesquisando novos processos técnicos, com tintas novas. Parece que tenho conseguido resolver alguma coisa. A ARTE ABSTRACTA É ANTIQUÍSSIMA. A conversa se encaminha para temas pictóricos: — André Lhete — diz-nos Ivam Serpa — em entrevista recente, declara-se um dos iniciadores da pintura abstrata, já pelos idos de 1917, ao lado de Picasso, Cris e Metzinger. Existe nesta afirmação um pequeno engano cronológico. Acontece que a arte abstrata sempre existiu, ao lado da arte figurativa, desde os começos do homem. Entre os árabes, hindus e chineses encontramos esplêndidas criações abstratas. Em tais casos, apenas, o trabalho abstrato não possui ainda independência, servindo a finalidades ornamentais". "Em nossos dias — continua o artista — a pintura abstrata se completa em si mesma, como expressão, construção e conhecimento do mundo. Vivemos na época da matéria desintegrada, e seria incrível que a arte continuasse presa aos velhos conceitos de objeto indiferente às formidáveis conquistas do espírito humano no terreno da ciência e da técnica. Ao mesmo tempo, a criação abstracionista procura captar o ritmo essencial da natureza, o seu movimento perpétuo, satisfazendo a uma necessidade humana permanente. Daí

capra

Comício - 1952

o seu duplo aspecto, antigo e moderno, ou melhor: o seu sentido de permanência". }

Nota:

fotografia de Ivan Serpa e Mario Grave diante uma tela de primeiro.

instituto de arte contemporânea